

Arquivo/CB/D.A Press



Foto do Correio durante invasão da polícia ao câmpus da UnB, em 1968. Instituição foi alvo desse tipo de arbitrio em quatro ocasiões, durante a ditadura

» JÁDER REZENDE

O golpe militar de 1964, que contou com o apoio quase unânime das camadas dominantes e de muitos setores da classe média, as invasões da polícia à Universidade de Brasília (UnB) — com a prisão indiscriminada de professores e alunos considerados subversivos —, e tantos outros episódios que marcaram a política nos anos 1960 e 1970, estão reunidos em uma publicação histórica, o livro *UnB Anos 70 — Memórias do Movimento Estudantil*. Organizada pela jornalista e pesquisadora Maria do Rosário Caetano, a obra avança pelos anos 1980 e 1990, passando pelo movimento Diretas Já e pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello.

O lançamento será no emblemático Anfiteatro 9 da Unb — palco de grandes plenárias do movimento estudantil na década de 1970 —, em 26 de junho, durante a 74ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), seguido de uma mesa redonda com parte dos autores.

Editedo pela Alameda, o livro traz artigos de 40 colaboradores. *UnB Anos 70*, resume Maria do Rosário, é resultado de um mutirão de colegas, hoje sexagenários ou septuagênarios, que não se viam desde as passeatas pelo câmpus, assembleias no Teatro de Arena, conferências da SBPC, aulas especiais nos anfiteatros do Minhocão ou até nos cárceres da Polícia Federal — que manteve alguns deles presos por meses.

São 456 páginas de artigos e fotografias — a maioria do Correio — do período mais conturbado do movimento estudantil no país. Agrega ainda documentos da Comissão Nacional da Verdade — instalada pelo governo federal em 2012 para investigar violações de direitos humanos ocorridas entre setembro de 1946 e outubro de 1988. Mesmo antes do lançamento, a publicação, com orelha e contracapa assinadas pelo cineasta e documentarista paraibano Vladimir Carvalho, já tem quase mil exemplares vendidos.

Tudo no livro é polêmico', diz Maria do Rosário, lembrando que a ideia surgiu em 2021, quando veio o insight de reviver essas memórias, 'antes que elas ficassem esclerosadas'. A jornalista cita como uma grande motivação do projeto o documentário *Liberli — Abaixo a Ditadura*, de Diógenes Martins, que mostra onde estão e como pensam os jovens trotskistas que foram às ruas contra os generais no auge da ditadura militar. 'Este filme retrata apenas os fatos ocorridos no Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto Brasília teve muita importância nesse período. Não há na película um momento sequer dos episódios ocorridos na UnB', destaca.

Resistência

Para o professor e ex-secretário de Educação do Distrito Federal Júlio Gregório, o livro 'é meio anárquico, mas muito gostoso de ler, traz à tona um tempo da história que ficou sem documentação, quando a UnB estava dizimada, era uma terra arrasada'. Entre os fatos marcantes relatados, ele destaca o ocorrido em 11 de outubro de 1965, quando o então reitor da UnB, Laerte Ramos de Carvalho, demitiu arbitrariamente três

Resgate histórico

Livro *UnB Anos 70 — Memórias do Movimento Estudantil* traz a trajetória da resistência à ditadura militar que emergiu na instituição

Joaquim Firmino



O professor Júlio Gregório durante manifestação na formatura. A foto foi publicada no Correio de 2 de agosto de 1979

influentes professores da instituição — Ermanni Maria de Fiori, Edna Soter de Oliveira e Roberto Décio de Las Casas. Em protesto, o corpo docente decretou uma greve de 24 horas, com adesão dos estudantes. Diante disso, o reitor pediu o envio de tropas militares, que cercaram todos os acessos ao câmpus e, na semana seguinte, demitiu outros 15 docentes —, ação que levou 223 dos 305 professores a pedirem demissão. 'Espero que o livro reacenda a chama do movimento. Que a mocada de hoje saiba que muitos de nós viemos a fazer história, e que esses jovens tenham a consciência de que eles serão o futuro', destaca Gregório.

A jornalista Tereza Cruvinel observa que, ao longo da ditadura, os estudantes representaram a vanguarda da resistência e bateram de frente com a força brutal da repressão, mas que foram os enfrentamentos ocorridos em Brasília, no quinto do regime, que mais incomodaram os militares. 'Tanto é que a UnB foi invadida, com prisões de alunos e professores uma semana depois do golpe. E foi novamente invadida em 1968 e em 1977. Da UnB saiu Honestino Guimarães, o mártir mais simbólico

da sanha contra a juventude. E também João Simplicio, da geração 70, que, embora não tenha sido assassinado, não suportando as feridas deixadas pela perseguição, deu cabo da própria vida.'

Ela pondera que a UnB, por diferentes motivos, atraiu como nenhuma outra universidade o ódio da ditadura, entre eles, por estar na capital, ter sido fundada por Darcy Ribeiro, concebida no governo Juscelino Kubitschek e ter tido a lei de criação sancionada pelo então presidente João Goulart. Lembra ainda que muitas figuras destacadas do movimento estudantil não foram localizadas a tempo de darem seus depoimentos e 14 morreram. A saída, segundo ela, foi suprir essa lacuna com o registro de suas atuações no Caderno de Imagens e Textos Breves. Dentro os colaboradores da obra estão o deputado federal Arlindo Schnaglia (PT-SP), o ex-ministro do Planejamento e das Comunicações Paulo Bernardo, a deputada distrital Arlete Sampaio (PT), a deputada federal Erika Kokay (PT-DF), o ex-deputado federal Augusto Carvalho, o deputado federal João Maia (PL-RN), e o jornalista Davi Emerich.

Trechos da obra

"Minha mais traumática lembrança desse período foi o dia da invasão da UnB pelo Exército. Após vários dias de greve, soldados a cavalo entraram Minhocão adentro transformando os largos corredores em campos de batalha. O barulho de cascos contra o cimento e os cassetetes em riste dispersaram alunos e professores correndo pra todo lado. Desse momento me lembro que eu e meu professor do curso de Comunicação, Milton Cabral Viana, um homem de inteligência brilhante, desemos juntos correndo as escadas para o subsolo da Entrada Norte e um soldado tentou nos perseguir a cavalo, escadas abaixo. O cavalo, mais inteligente que ele, se negou. Eram estreitas para tamanha proeza. Nossa vantagem é que conhecíamos o subsolo do Minhocão como a palma da nossa mão e nos enfiamos numa das centenas de salas e depois fugimos para o outro lado."

Evelyn Penna

"Aureolino Moreira Bonfim, conhecido mais como Ceará, talvez tenha sido uma das figuras mais folclóricas e conhecidas do movimento estudantil da Unb. (...) Carlos Megale conta que, em uma madrugada de sábado, um grupo de umas seis pessoas saiu da biblioteca em direção ao Centro Olímpico, em meio ao cerrado, e encontrou um despacho, muito comum nas cercanias, com uma garrafa de pinga, uma vela acesa e um bode, amarrado e vivo. Sem dar bolas às apreensões e cismas dos companheiros, Ceará levou o bode, o sacrificou, descarnou e organizou um churrasco na tarde do mesmo dia, entrando pela noite."

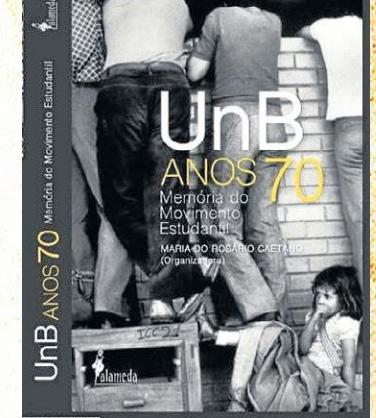
João Simplicio Lopes Martins (em memória de Aureolino Moreira Bonfim)

"Em 1968, a Unb sofreu duas invasões seguidas, a de junho e a mais violenta, a de agosto. Para escapar das prisões, tínhamos nossos esconderijos, e um deles era o prédio que seria destinado à teologia e hoje é sede da Fundação Educacional do Distrito Federal. Passamos algumas noites frias ali, escondidos no matagal."

Anelino José de Resende

Lançamento

Kim-ir-Sen Pires Leal



Data: 26 de junho
Hora: das 18h30 às 22h30
Lugar: Anfiteatro 9 da Unb
Preço: R\$ 84

Arquivo Público Brasília



MARIA DO ROSÁRIO CAETANO — "ROSARIA"
Filh.: Geraldo Alberto de Figueiredo
Mariana C. Cruvinel
DNI.: 10 Jun 55 CONCEPÇÃO/PI
Estudante da Unb
Comunicação (1973)



A jornalista Maria do Rosário, presa em 1977, durante a greve dos estudantes